

# A IMPORTÂNCIA DA COMPREENSÃO SOBRE A DISLEXIA PARA O DESENVOLVIMENTO E APRENDIZAGEM DOS DISLÉXICOS<sup>1</sup>

## THE IMPORTANCE OF UNDERSTANDING DYSLEXIA FOR THE DEVELOPMENT AND LEARNING OF DYSLEXICS

Giulia Mua FRITZEN<sup>2</sup> | Hildegard Susana JUNG<sup>3</sup>

**RESUMO:** O objetivo do texto consiste em refletir sobre como a compreensão da dislexia pode auxiliar o desenvolvimento e a aprendizagem dos disléxicos. A metodologia da pesquisa é de caráter qualitativo, do tipo exploratório. A coleta de dados ocorreu por meio de questionário anônimo enviado a profissionais da psicologia e da psicopedagogia. Os resultados apontam que o preconceito vivido durante a vida pelos disléxicos, principalmente na infância, pode prejudicar várias características pessoais e educacionais, acarretando traumas, inseguranças, medo de falar ou se expressar em público e levando esses problemas para o resto da vida se não forem tratados. Aulas diversificadas, lúdicas, variadas e criativas com brincadeiras e rotina de estudos, utilização de mapas de aprendizagem, questões mais diretas e vários tipos de avaliações foram apontadas pelos participantes da pesquisa como facilitadores da aprendizagem de pessoas com dislexia. Conclui-se que ao trabalhar o significado, formas de perceber sinais e métodos de como auxiliar alunos disléxicos é possível facilitar a compreensão deles, diminuindo as visões errôneas sobre esses indivíduos.

**Palavras-Chave:** Dislexia; Desenvolvimento de pessoas com dislexia; Aprendizagem de disléxicos.

**ABSTRACT:** The objective of the text is to reflect on how the understanding of dyslexia can help the development and learning of dyslexics. The research methodology is qualitative, exploratory. Data collection took place through an anonymous questionnaire sent to psychology and psychopedagogy professionals. The results indicate that the prejudice experienced during life by dyslexics, especially in childhood, can harm several personal and educational characteristics, causing trauma, insecurities, fear of speaking or expressing themselves in public and taking these problems for the rest of their lives if they are not addressed. Diverse, playful, varied and creative classes with games and study routine, use of learning maps, more direct questions and various types of assessments were pointed out by research participants as facilitators of learning for people with dyslexia. It is concluded that by working on the meaning, ways of perceiving signs and methods of how to help dyslexic students, it is possible to facilitate their understanding, reducing erroneous views about these individuals.

**Keywords:** Dyslexia; Development of people with dyslexia; Dyslexic's learning.

---

<sup>1</sup> Recebido em: julho de 2023 | Aceito em: dezembro de 2023.

<sup>2</sup> Licenciada em Pedagogia pela Universidade La Salle, Canoas, RS.

<sup>3</sup> Doutora e Mestre em Educação. Docente do Curso de Pedagogia e coordenadora do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade La Salle, Canoas, RS.

## INTRODUÇÃO

A dislexia, segundo Shaywitz (2006), surge na infância, nos primeiros anos escolares, junto de vários obstáculos para aprender a ler, não por culpa dos aprendizes, já que muitos deles têm boa vontade de aprender. De acordo com Moojen, Bassôa e Gonçalves (2016, p. 50),

A dislexia do desenvolvimento, diferentemente da dislexia adquirida, pode ser observada desde os primeiros anos escolares. Constitui-se em um transtorno específico nas operações envolvidas no reconhecimento das palavras, afetando a fluência leitora e comprometendo a compreensão da leitura em graus variados. Também estão prejudicadas as habilidades de escrita.

A motivação de estudar o tema sobre a compreensão sobre os disléxicos é pessoal, citando um pouco da história de uma das autoras que, por ser disléxica, vivenciou muitas situações de preconceito que poderiam ter sido evitadas se os professores fossem capacitados para ensinar e lidar com alunos de inclusão, mais especificamente alunos com dislexia. Consideramos que é necessário expor esse tema, pois não se discute muito a dislexia nos cursos de Licenciatura, portanto, é provável que não seja abordado nas escolas e discutido entre os professores de maneira muito frequente.

Ao trabalhar sobre a compreensão e os preconceitos, é possível ajudar a diminuir os pensamentos equivocados sobre pessoas com dislexia, contribuindo com a aceitação, inclusão e permanência desses alunos em sala de aula. Além disso, a formação continuada de professores é necessária para que os docentes conheçam a dislexia, suas características e encontrem formas de ajudar o aluno a estudar e a se comunicar melhor.

O conteúdo abordado na pesquisa foi relacionado à compreensão sobre a dislexia e como ela pode auxiliar o desenvolvimento e a aprendizagem dos disléxicos. O preconceito ainda é muito atual. Quando as pessoas não entendem sobre algo, abre-se espaço para o preconceito. Dessa forma, o problema de pesquisa deste trabalho se delinea da seguinte forma: como a compreensão sobre a dislexia pode auxiliar o desenvolvimento e a aprendizagem dos disléxicos?

O trabalho tem como objetivo refletir sobre como a compreensão da dislexia pode auxiliar o desenvolvimento e a aprendizagem dos disléxicos. A partir disso, poderão ser pensadas formas de os professores ajudarem alunos disléxicos na aprendizagem e na comunicação em sala de aula, pois é um dos primeiros lugares onde esses alunos são mal interpretados. Esperamos que, esclarecendo o que é a dislexia e refletindo sobre as formas de como ensinar estes alunos, seja possível diminuir o preconceito de que esse aluno não quer aprender, que é preguiçoso, etc.

Ao revelar formas de preconceito, bullying, humilhações e outras crueldades vividas pelas crianças, que logo vão se tornar jovens e depois adultos, se não forem tratadas psicologicamente

ou se não houver um bom laço familiar, podem tornar-se indivíduos que se consideram incapazes, tímidos, inseguros, que não se expressam se não for necessário, podendo fazê-los ter defasagens escolares e desistir dos estudos por se considerarem “alunos fracos”. Portanto, é muito importante que os professores não parem de estudar e que tenham formações que os preparem para incluir esses estudantes nas salas de aula. Além disso, a formação continuada de professores é necessária para que os docentes conheçam a dislexia, suas características e encontrem formas de ajudar o aluno a estudar e a se comunicar melhor.

Com relação à arquitetura do texto, após essa introdução apresentamos a abordagem metodológica e logo em seguida o referencial teórico. Em sequência constam a análise e discussão dos dados, as considerações finais e, por fim, as referências que embasaram o estudo.

## ABORDAGEM METODOLÓGICA

Trata-se de um estudo de abordagem qualitativa, de caráter exploratório. De acordo com Gil (2002, p. 41), a pesquisa qualitativa “tem como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses”.

Os dados foram buscados junto a profissionais da psicopedagogia e psicologia, escolhidos por conveniência, ou seja, todos(as) os(as) profissionais das relações da pesquisadora foram convidados(as). O instrumento de coleta de dados foi um questionário enviado por meio do recurso Google Forms. Gil (2002) define o questionário como um procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos.

O questionário ficou aberto e recebendo respostas durante um período de aproximadamente dois meses. Foram usadas redes sociais, aplicativos de mensagens e e-mail para a coleta. Após dezenas de envios, cinco questionários retornaram respondidos, cujas respostas constituem o corpus analítico deste estudo. Foram enviadas as seguintes perguntas aos participantes da pesquisa, como mostra o quadro 01.

Quadro 01: Perguntas do questionário

- 1 Quais os tipos de dislexia que você conhece? Qual seria, na sua opinião, a melhor forma de trabalhar em sala de aula com alunos disléxicos?
- 2 O que é preciso para diagnosticar a dislexia? Quais profissionais se necessitam? Quanto tempo aproximadamente pode levar o diagnóstico?
- 3 O nível de dislexia pode se modificar? Pode diminuir a dificuldade ou os problemas de aprendizagem com o passar do tempo?
- 4 Como é normalmente o paciente com dislexia?
- 5 Você acredita que o preconceito vivenciado por alguns disléxicos pode prejudicar o processo de aprendizagem?
- 6 Quais são as dificuldades mais comuns apresentadas pelo paciente com dislexia? Para todos os disléxicos são as mesmas?

- 7 Você acredita que os professores estão preparados para atuar com alunos com dislexia? O que podem fazer para melhorar suas aulas para este público?
- 8 Você poderia dar algumas dicas de atividades para facilitar a aprendizagem dos estudantes disléxicos?
- 9 Você gostaria de acrescentar algo sobre pessoas com dislexia?

Fonte: Elaborado pelas pesquisadoras (2023)

As etapas da pesquisa seguiram as recomendações de Gil (2002, p. 20), o qual diz que devemos nos orientar pelo seguinte roteiro:

- a) formulação do problema;
- b) construção de hipóteses ou especificação dos objetivos;
- c) identificação do tipo de pesquisa;
- d) operacionalização das variáveis;
- e) seleção da amostra;
- f) elaboração dos instrumentos e determinação da estratégia de coleta de dados;
- g) determinação do plano de análise dos dados;
- h) previsão da forma de apresentação dos resultados;
- i) cronograma da execução da pesquisa;
- j) definição dos recursos humanos, materiais e financeiros a serem alocados.

Na presente pesquisa, os passos seguidos foram: elaborar o problema de pesquisa, que ficou delineado da seguinte forma: como a compreensão da dislexia pode auxiliar o desenvolvimento e a aprendizagem dos disléxicos? Na sequência, foi identificado o tipo de pesquisa, que definimos como sendo de abordagem qualitativa e caráter exploratório. A presente pesquisa não possui variáveis, posto que se trata de um estudo qualitativo e não quantitativo.

O instrumento de coleta foi definido como um questionário armado no *Google forms* e enviado para psicopedagogos(as) e psicólogos(as) de nossas relações. A análise foi realizada examinando as respostas dos(as) participantes, à luz da teoria, de onde emergiram as inferências das pesquisadoras. A apresentação dos resultados ocorre por meio do presente artigo. O cronograma de execução foi definido e cumprido dentro do primeiro semestre do ano de 2023. Por fim, com relação aos recursos humanos e financeiros, não se aplica ao estudo em tela.

## REFERENCIAL TEÓRICO

Segundo Seabra (2020), existem etapas para diagnosticar uma pessoa com dislexia. A primeira é quando os sinais do transtorno aparecem e a segunda é quando acontece a permanência destes sinais. Esses obstáculos podem afetar e continuar afetando a vivência educacional do disléxico. Sem o apoio da família e da escola, pode piorar a situação para estes alunos. Os autores Shaywitz e Shaywitz (2023) acrescentam que a dificuldade é contínua e pode ser desmotivadora para esse indivíduo.

Conforme Queiroz *et al* (2014), a escola é um dos lugares iniciais onde a criança demonstra suas dificuldades, por estar passando pela alfabetização, mas se a escola não está preparada para perceber os indícios da dislexia, o aluno é visto como incapaz e indiferente ao aprendizado. Neste

sentido, Seabra (2020) afirma que pela falta de auxílio das escolas, o aluno com dislexia deve demonstrar muito empenho com objetivo de conseguir ter entendimento para realizar uma prova que não é adaptada às suas necessidades.

Os alunos disléxicos necessitam focar na leitura para entender o que leram. A dificuldade na habilidade de interpretação de textos e a demora para terminá-los são algumas das características da dislexia (SHAYWITZ, 2006). No entanto, Santos e Leal (2019) afirmam que, na época atual, percebe-se pouca capacitação nas escolas brasileiras, na área da inclusão de crianças com problemas de aprendizagens e aqueles estudantes que não possuem laudo acabam evadindo e desistindo dos estudos. Os autores acrescentam, ainda, que muitos alunos sem diagnóstico sofrem por não entenderem os conteúdos e por não serem incluídos na escola por apresentarem muitas dificuldades. Hudson (2016, p. 7-8) explica:

Estima-se que, em uma turma típica de trinta alunos, haverá um, provavelmente dois, com uma DAE (Dificuldades de Aprendizagem Específicas). Eles são encontrados em todo tipo de escola, em níveis de capacidade variados. Infelizmente, para alguns desses alunos, suas particularidades de aprendizagem não serão identificadas e eles permanecerão sem apoio. Sua inteligência e seu potencial podem ser subestimados e existe o perigo de que eles deixem a escola com baixa autoestima e com notas e aspirações mais baixas do que poderiam ter alcançado.

Nesta perspectiva, Queiroz et al (2014) alertam que o docente precisa entender o funcionamento de seus alunos para descobrir modos diferentes de ensinar, adaptando o ensino para todos os estudantes. Os autores acrescentam que o docente tem o papel de auxiliar o indivíduo a tornar-se um cidadão atuante na sociedade por meio de seus ensinamentos, portanto, é necessário que ele tente oferecer o melhor atendimento que puder para seus alunos.

Segundo Seabra (2020), é de suma importância que os docentes entendam as inclusões, saibam diferenciá-las, para conseguir contemplar cada aluno através de formações adaptadas. Além disso, o autor também comenta que as formações devem preparar os docentes para identificar traços, sinais de transtornos e distúrbios de aprendizagem, pois ainda não se tem esse preparo, o que dificulta o trabalho e distancia a relação dos professores com os alunos.

Santos e Leal (2019) concordam, ao afirmarem que o estudo contínuo e a atualização de metodologias é indispensável para os docentes ensinarem os alunos. Além disso, compreendem que os professores precisam estar em constante desenvolvimento dos seus conhecimentos e de suas práticas educacionais, pois há sempre uma ressignificação das práticas e conhecimentos pedagógicos existentes. Assim, a “educação detém continuamente novos métodos de ensino que ajudam na aprendizagem dos alunos” (SANTOS e LEAL, 2019, p.5).

A Lei nº 14.254, de 30 de novembro de 2021 “Dispõe sobre o acompanhamento integral para educandos com dislexia ou Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH) ou outros transtornos de aprendizagem”. Este dispositivo legal estabelece que os docentes estarão preparados para identificar traços da dislexia nos alunos, através de capacitações continuadas. Além disso, garante que o aluno com dislexia com laudo terá direito a acompanhamento de um profissional que faça a leitura, a escrita e, se preciso, tempo adicional nas realizações de provas. Nossa experiência mostra que esta realidade ainda não é unânime nas escolas brasileiras, especialmente na rede pública.

Santos e Leal (2019) concordam que é necessário identificar características da dislexia nos primeiros anos escolares para que os docentes possam planejar seus materiais adaptados para este aluno e conduzir a família a procurar profissionais que possam auxiliá-los da melhor forma. Shaywitz e Shaywitz (2023) informam que atualmente existem formas de saber quando um indivíduo é disléxico, através de imagens do cérebro, podendo acompanhar desde o início e amparar os disléxicos adultos. E ainda acrescentam que:

[...] A dislexia é um problema complexo, cujas raízes fincam-se nos mesmos sistemas cerebrais que permitem ao ser humano entender e expressar-se pela linguagem. Por meio da descoberta de como uma ruptura nesses circuitos neurológicos fundamentais para a codificação da linguagem dá origem a esse problema na leitura, podemos compreender como os tentáculos desse transtorno partem do fundo do cérebro e estendem-se não apenas ao modo como uma pessoa lê, mas, surpreendentemente, a uma gama de outras funções importantes, incluindo a capacidade de soletrar, de memorizar e articular palavras e de lembrar-se de certos fatos. (SHAYWITZ, SHAYWITZ, 2023, p. 2)

Com relação ao desenvolvimento das pessoas com dislexia, Moojen, Bassôa e Gonçalves (2006) afirmam que normalmente as dificuldades de uma criança disléxica poderão continuar basicamente as mesmas quando for adulto, pois provavelmente ela terá os mesmos obstáculos. Dessa forma, o autor que expõe a necessidade de identificar o aluno disléxico na infância, para trabalhar as dificuldades desde essa época. Por isso, é de suma importância perceber os sinais da dislexia logo nos primeiros anos de escolaridade, com o intuito de incentivar o gosto pela leitura, pois a leitura continua sendo um desafio e influenciando o disléxico quando se torna adulto (SHAYWITZ, 2006).

## ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

A partir do mês de abril de 2023 até o mês de maio do mesmo ano, foi enviado o questionário com nove questões para todos(as) conhecidos(as) das autoras, da área de psicopedagogia e psicologia, no entanto, não houve muitas respostas. O questionário foi criado

com o intuito de refletir sobre os conhecimentos e saberes de profissionais que atuam com indivíduos com dislexia. No início do mês de junho de 2023 o questionário foi fechado, após o recebimento de cinco respostas. Na sequência abordamos a discussão de cada uma das perguntas e as respectivas respostas, analisando-as à luz da teoria.

### **Quais os tipos de dislexia que você conhece? Qual seria, na sua opinião, a melhor forma de trabalhar em sala de aula com alunos disléxicos?**

A maioria dos respondentes apontaram que existem a visual, a auditiva e a mista. Explicaram que podem ser trabalhadas através de vários estímulos, primeiramente investigando o nível em que este aluno está, quais são suas dificuldades e facilidades. Apresentaram algumas dicas de como trabalhar com estes estudantes, como sentar próximo do professor, usar enunciados mais diretos, textos curtos, questões objetivas, avaliação oral, apoio à leitura e outras. Dessa forma, a maioria dos participantes da pesquisa relataram sobre existir três tipos de dislexia. Os autores diferenciam e explicam cada uma delas:

Dividiram a dislexia em auditiva e visual, com finalidades educacionais. Na dislexia auditiva, são observadas dificuldades significativas na discriminação de sons de letras e palavras compostas, além de falhas na memorização de padrões de sons, sequências, palavras compostas, instruções e histórias. Na dislexia visual, há dificuldades em seguir e reter as sequências visuais, na análise e integração visual de quebra-cabeças ou em tarefas similares. Ocorrem frequentes reversões e inversões de letras, sendo que o disléxico visual confunde com facilidade palavras e letras. O mais frequente é uma associação das duas formas, mesmo que tenha iniciado por uma delas, mas o comum é que em seu desenrolar apareçam sempre falhas mistas. (ROTTA, *et al*, 2016, p. 135)

Portanto, o fato de identificar o tipo de dislexia pode ajudar os docentes a adaptarem suas aulas da melhor forma para o aluno, fazendo com que este também perceba e participe da estratégia de aprendizagem, relatando sobre qual é melhor para ele.

### **O que é preciso para diagnosticar a dislexia? Quais profissionais se necessitam? Quanto tempo aproximadamente pode levar o diagnóstico?**

Um dos profissionais que responderam o questionário afirma que o aluno deve estar no processo de alfabetização e que deve ter no mínimo seis meses de intervenção psicopedagógica, consultas neurológicas e que o diagnóstico pode ser realizado aproximadamente no 4º ano do Ensino Fundamental. Outro participante acrescenta que é necessário observar a criança, através da dificuldade de linguagem, leitura, escrita, investigar se apresenta problemas emocionais, psíquicos, familiares, descartar outros transtornos para, por fim, diagnosticar. Outro inclui que é preciso que

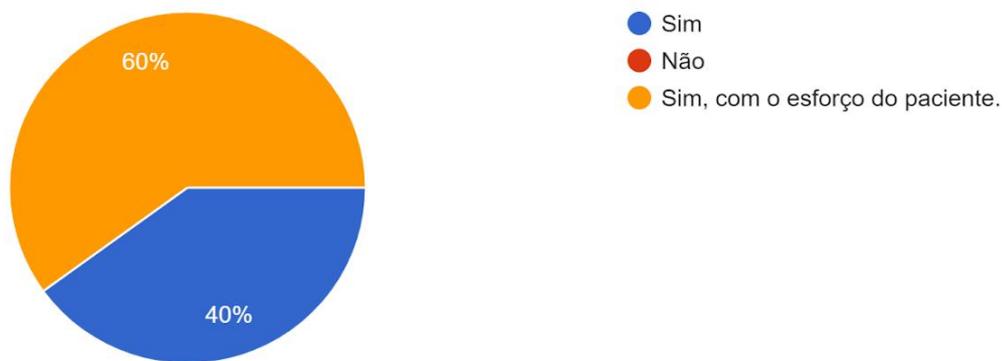
sejam aplicados testes específicos, que os profissionais necessários para realizar o diagnóstico são pedagogos, fonoaudiólogos e psicólogos e que o tempo de diagnóstico pode variar.

Os teóricos Rotta *et al* (2016) afirmam que os profissionais que atendem e diagnosticam pessoas com dislexia são: neurologistas, fonoaudiólogos, psicopedagogos, neuropsicólogos e/ou psicólogos por meio de testes, avaliações auditivas, psicodiagnóstica, neurológica, entre outras. Essa equipe multidisciplinar também auxilia a família e a escola. Sendo assim, é possível observar que além de precisar de um grupo de profissionais trabalhando em conjunto, também é necessário fazer várias observações e testes para eliminar a hipótese de outros transtornos. Por esta razão o tempo do diagnóstico pode demorar.

### **O nível de dislexia pode se modificar? Pode diminuir a dificuldade ou os problemas de aprendizagem com o passar do tempo?**

Em resposta a esta terceira pergunta, o gráfico da Figura 01 mostra que os participantes não foram unânimes em suas respostas.

Figura 01: Respostas sobre a possibilidade de que o nível de dislexia pode mudar



Fonte: Dados da Pesquisa (2023)

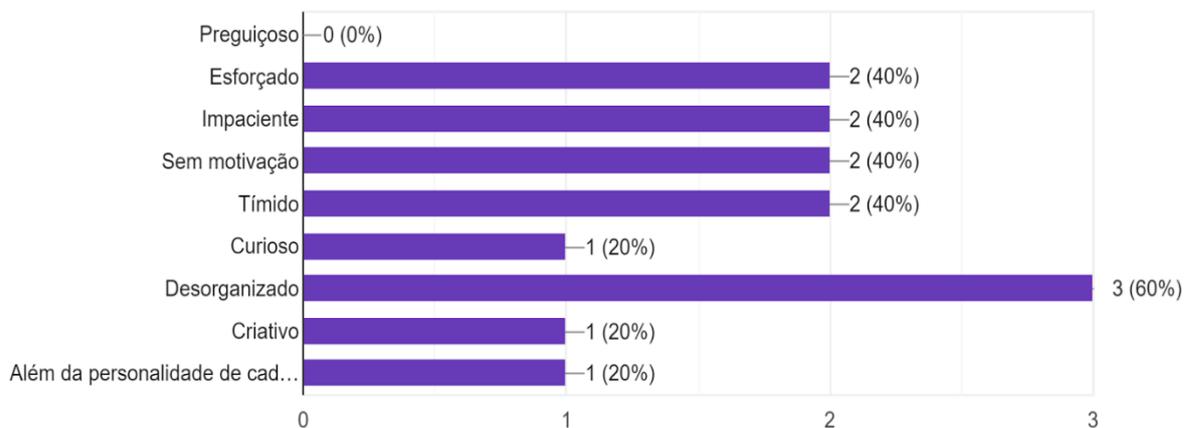
Percebemos, com o gráfico, que 40% responderam que “Sim”; 0% respondeu que “não” e 60% responderam que “sim, com esforço do paciente.” Segundo Rotta *et al* (2016), é de suma importância o trabalho em equipe entre a escola, a família e a equipe multidisciplinar que acompanha o paciente disléxico, para que a evolução do indivíduo seja mais eficaz. Para eles, a dislexia geralmente tem avanços positivos com o passar do tempo e que por esta razão é tão significativo descobri-la dislexia na fase da infância. Os autores acrescentam que as pessoas com dislexia podem, com o interesse e a dedicação delas, entrar no Ensino Superior, pois mesmo que a dislexia continue durante a vida, ela pode reduzir sua intensidade.

Sobre esta questão concluímos que, tanto os profissionais que estão atuando na prática e os teóricos acreditam que, com o passar do tempo, as dificuldades de aprendizagem podem diminuir. Portanto, os disléxicos podem, se for sua vontade, continuar seus estudos e aprimorar-se sempre, chegando onde quiserem.

### Como é o normalmente o paciente com dislexia?

Em resposta a esta quarta pergunta, o gráfico da Figura 02 mostra as respostas dos participantes da pesquisa.

Figura 02: Respostas sobre as características do disléxico



Fonte: Dados da pesquisa (2023)

Ao analisar este gráfico, observamos que 0% dos profissionais consideram os disléxicos “Preguiçoso”; 40% marcaram a opção “Esforçado”; “Impaciente”; “Sem motivação” e “tímido”; 20% assinalaram a opção “Curioso”; “Criativo” e “Além da personalidade de cada indivíduo, depende dos estímulos que o paciente recebe e de seu interesse”. Por fim 60% deles indicaram a opção “Desorganizado”. Neste sentido, Queiroz (2014, p. 9) acredita que:

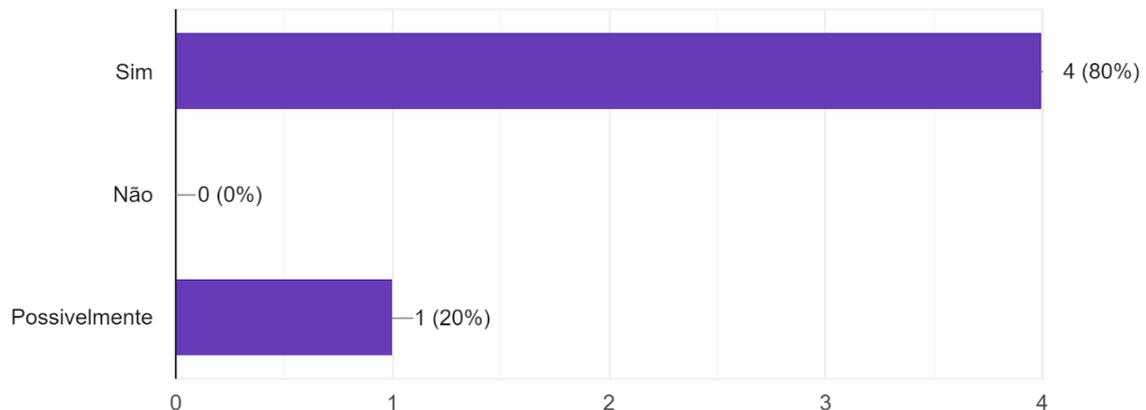
[...] pode-se dizer que o (pré) conceito de que os portadores da dislexia são preguiçosos e incapazes, não passa de um equívoco de quem não está familiarizado com o distúrbio. Pois, na verdade, o que pôde ser visto é que, antes de qualquer definição, a dislexia é um jeito de ser e de aprender; e que esses alunos podem ser bem sucedidos na escola, só necessitando de estilos diferentes de ensino.

Observando as respostas percebemos que a imagem de “preguiçoso” não é mais considerada para alunos disléxicos, no entanto, ainda é necessário expor sobre a dislexia, para que as pessoas que convivem com estes estudantes, como a equipe da escola e familiares compreendam suas necessidades para poder auxiliá-los em sua trajetória, evitando imagens negativas.

## Você acredita que o preconceito vivenciado por alguns disléxicos pode prejudicar o processo de aprendizagem?

Sobre a quinta pergunta, que visou saber se o preconceito poderia prejudicar o processo de aprendizagem dos disléxicos, a Figura 03 apresenta o gráfico com as respostas.

Figura 03: Possibilidade de o preconceito prejudicar a aprendizagem dos disléxicos



Fonte: Dados da pesquisa (2023)

Percebemos que 60% dos participantes assinalaram a alternativa “Sim”; 0% assinalaram a alternativa “Não” e 20% a alternativa “Provavelmente”. Portanto, podemos observar que é de extrema importância o entendimento da dislexia primeiramente aos docentes e à escola, e em seguida aos colegas para que esse preconceito não exista e que seu processo de aprendizagem não seja prejudicado, como recomenda Queiroz (2014).

## Quais são as dificuldades mais comuns apresentadas pelo paciente com dislexia? Para todos os disléxicos são as mesmas?

Com relação à pergunta que buscou saber as dificuldades mais comuns apresentadas pelas pessoas com dislexia, todos os participantes responderam que cada pessoa é única, portanto, não quer dizer que sejam as mesmas dificuldades, mesmo tendo o mesmo transtorno de aprendizagem. Alguns destacaram a parte emocional, como a desmotivação, baixa autoestima, medo de se expressar, vergonha, uma vez que podem se considerarem “burras”; Outros salientaram sobre a parte da aprendizagem, como na dificuldade da linguagem oral, leitura, escrita, lentidão na aprendizagem, falta de concentração, escrita invertida, entre outros.

A autora Hudson (2014) apresenta as dificuldades em geral dos alunos com dislexia, como problemas para interpretação de texto, leitura e escrita lenta, trocas e virar letras, adivinhar palavras na leitura, dificuldades na ortografia e pontuação, memória de curto prazo, entre outros.

### **Você acredita que os professores estão preparados para atuar com alunos com dislexia? O que podem fazer para melhorar suas aulas para esse público?**

Em resposta a essa questão, os profissionais concordaram que a maioria dos professores não estão preparados para ensinar estes alunos em sala de aula, por falta de conhecimento, interesse de que é necessário o aperfeiçoamento, através de formações e conhecimento sobre as leis. Citaram a Lei 14.254/2021 (que apresenta o papel do professor, da escola, de profissionais da saúde), e compreendem que também é necessário motivar os docentes. Acrescentaram que devem ser trabalhadas metodologias diferenciadas, com material de apoio como calculadora, gravador de voz, usar linguagem direta, objetiva, verificar se a criança entendeu o que foi passado e etc.

De acordo com a Lei nº 14.254 de 30 de novembro de 2021, docentes estarão preparados para identificar traços da dislexia nos alunos, através de capacitações continuadas. Contudo, percebemos que os professores ainda não estão preparados para identificar as características da dislexia em alunos, porém, espera-se que, como esta legislação ainda é recente, com o passar dos anos, os docentes e as escolas como um todo estejam mais capacitados para a identificação da dislexia. Dessa forma, ao perceber os sinais precocemente, será possível encaminhar essas crianças para os profissionais da saúde indicados, os quais, por meio de testes, poderão descobrir se aquele aluno é realmente disléxico.

### **Você poderia dar algumas dicas de atividades para facilitar a aprendizagem dos estudantes disléxicos?**

Sobre essa questão, os profissionais responderam que aulas lúdicas, variadas e criativas com brincadeiras, poderiam facilitar o aprendizado da maioria dos alunos. Reiteraram que é importante organizar uma rotina de estudos, utilizar mapas de aprendizagem, questões mais diretas e que é importante utilizar vários tipos de avaliações. Acrescentam que conversar com o estudante para entender seus pontos fortes e fracos pode ajudar na sua motivação, podendo fazer com que ele se sinta valorizado e respeitado.

A autora e professora Hudson (2016, p. 14) expressa o quão melhor para as crianças seria existir mais professores empáticos, auxiliando-as a se conhecerem melhor, fazendo com que elas

saibam quais são suas formas de aprendizado e suas facilidades. E ainda acrescenta: “Todos nós temos pontos fortes e fracos como preferimos aprender.”

Para uma aprendizagem mais significativa e interativa é necessário que o planejamento do docente seja pensado para todos os alunos. Acreditamos que um planejamento feito para um aluno disléxico pode facilitar o aprendizado de todos os alunos da turma. Ao conhecer os estudantes é mais fácil enxergar seus pontos fortes e fragilidades, para então conseguir dar suporte às suas dificuldades, podendo ser trabalhadas através de várias metodologias. Além disso, o próprio aluno com dislexia pode ser desafiado a conseguir descobrir com quais formas de aprendizado ele se adapta melhor.

### **Você gostaria de acrescentar algo sobre pessoas com dislexia?**

Esta última questão não era obrigatória. Alguns profissionais responderam que os disléxicos possuem inteligência “normal”, que só processam o aprendizado de uma forma diferente, apresentam mais facilidade em atividades orais e normalmente necessitam de um tempo a mais para realizar uma prova ou atividade escrita. Acrescentaram, também, que devem ser estimulados pois “podem tudo”, com adaptação correta se desenvolvem plenamente e que é de suma importância trabalhar sua autoestima.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A presente pesquisa, que teve como objetivo refletir sobre como a compreensão da dislexia pode auxiliar no desenvolvimento e aprendizagem dos disléxicos contou com a participação de psicólogos(as) e psicopedagogos(as), que responderam a um questionário anônimo sobre questões relacionadas ao tema de estudo. De acordo com os resultados da pesquisa, podemos perceber que a incompreensão e o preconceito vivido durante a vida, principalmente na infância, podem prejudicar várias características pessoais e educacionais, acarretando traumas, inseguranças, medo de falar ou expressar-se em público e levando esses problemas para o resto da vida se não forem tratados.

Sobre as maneiras de auxiliar pessoas com dislexia a aprender de forma mais eficiente, é necessário conhecer o aluno, podendo observar o seu nível através de suas dificuldades e facilidades. Sentar próximo ao professor, trabalhar com enunciados diretos, textos curtos, questões objetivas, avaliação oral, apoio à leitura e outras, através de diversas metodologias e estímulos, podem colaborar com o autoconhecimento do disléxico, para que ele consiga perceber os modos que ele

tem mais facilidade de aprender. A dislexia permanece pelo resto da vida, mas através do autoconhecimento e estratégias diversas, pode ser mais fácil de conviver com ela.

Conclui-se que ao trabalhar o significado, formas de perceber sinais e métodos de como auxiliar alunos disléxicos é possível facilitar a compreensão deles, diminuindo as visões errôneas sobre esses indivíduos. Uma das limitações do estudo foi a baixa adesão às respostas do questionário, mas ainda assim acreditamos que foi possível trazer uma representatividade significativa desses(as) profissionais da psicologia e da psicoeducação, já que as respostas foram completas e coincidiram em diversos pontos. Como trabalhos futuros é possível vislumbrar pesquisas com pessoas disléxicas para que relatem como a sua aprendizagem ocorre de forma mais efetiva.

## REFERÊNCIAS

- BRASIL. *Lei nº 14.254, de 30 de novembro de 2021*. Dispõe sobre o acompanhamento integral para educandos com dislexia ou Transtorno do Deficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH) ou outro transtorno de aprendizagem. Diário Oficial da União: Seção 1, Brasília, DF, n. 225, p. 5, 1 dez. 2021. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2019-2022/2021/lei/114254.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2021/lei/114254.htm). Acesso em: 29 maio. 2023.
- CARVALHO, A.; PEREIRA, M.; FESTAS, I. Indicadores precoces de dislexia do desenvolvimento: um estudo longitudinal. *Revista de Estudos e Pesquisas em Psicologia e Educação*, v. 4, p. 71-88, 1º de dezembro 2017. Disponível em: <http://revistas.udc.es/index.php/reipe/article/view/reipe.2017.4.2.3208/pdf> Acesso em: 22 de nov. de 2022.
- GIL, Antônio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa* 4. ed. - São Paulo: Atlas, 2002.
- HUDSON, Diana. *Dificuldades específicas de aprendizagem ideias práticas para trabalhar com: dislexia, discalculia, disgrafia, dispraxia, TDAH, TEA, Síndrome de Asperger e TOC*. 1 ed. Editora Vozes, 2016.
- MOOJEN, Sônia Maria Pallaoro; BASSÔA, Ana; GONÇALVES, Hosana Alves. Características da dislexia de desenvolvimento e sua manifestação na idade adulta. *Revista psicopedagogia*, São Paulo, v. 33, n. 100, p. 50-59, 2016. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psicoped/v33n100/06.pdf> Acesso em: 23 de nov de 2022.
- QUEIROZ, Adriana Matias et al.. A dislexia no cotidiano escolar: desmistificando preconceitos e desafios. *Anais V SETEPE...* Campina Grande: Realize Editora, 2014. Disponível em: <https://www.editorarealize.com.br/index.php/artigo/visualizar/8064>. Acesso em: 04 de set de 2022.
- ROTTA, Newra et al (Org). *Transtornos da aprendizagem: abordagem neurobiológica e multidisciplinar*. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2016.
- SANTOS, Thais Brissow dos; LEAL, Fabiana Soares Fernandes. *O conhecimento dos discentes finalistas do curso de letras do IEAA-IFUM sobre dislexia*. 2019. Trabalho de conclusão de curso

(Graduação em Letras) - IEAA/UFAM, Amazonas, 2019. Disponível em:  
<https://edoc.ufam.edu.br/retrieve/2f6d2d6b-49f1-4f18-a43e-b943c401a81b/TCC-Letras-2019-Arquivo.016.pdf> Acesso em: 17 de nov de 2022.

SEABRA, Magno Alexon Bezerra. *Distúrbios e transtornos de aprendizagem: aspectos teóricos, metodológicos e educacionais*. 1.ed. Curitiba, PR: Bagai, 2020.

SHAYWITZ, Sally. *Entendendo a dislexia: um novo e completo programa para todos os níveis de problemas de leitura*. Porto Alegre: Artmed, 2006.

SHAYWITZ, Sally; SHAYWITZ, Jonathan. *Entendendo a dislexia: um novo e completo programa para todos os níveis de problemas de leitura*. Penso Editora, 2023.